



ESTUDOS DE LINGUAGEM E CULTURA

ISSN: 1517-7238

Vol. 13 nº 25

2º Sem. 2012

p. 325-342

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA IMPRENSA IMIGRANTISTA PORTUGUESA¹

LINGUISTIC VARIATION IN THE PORTUGUESE IMMIGRANT PRESS

Hosana dos Santos Silva¹

¹ Este artigo é um recorte de minha tese de doutorado, intitulada "O lugar da língua na São Paulo transformada: os usos linguísticos dos intelectuais republicanos paulistas", defendida em abril de 2012, junto à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. A pesquisa contou com apoio da FAPESP (processo 2008/56388-9). *Alguns trechos do texto original permanecem inalterados.*

² Mestre (2007) e doutora (2012) em Letras pela Universidade de São Paulo (USP).

RESUMO: Neste artigo, discutimos alguns aspectos da complexa experiência social e linguística dos imigrantes portugueses radicados no Brasil, na passagem do século XIX ao XX. Mais especificamente, descrevemos e analisamos os padrões de ordenação dos clíticos pronominais em um conjunto de textos publicados na imprensa imigrantista lusitana. Levamos em conta, nessa abordagem, as condições sociais de produção e reprodução linguísticas, isto é, a estrutura de relações subjetivas e objetivas subjacentes às escolhas desses falantes.

PALAVRAS-CHAVE: imigração portuguesa, imprensa imigrantista, variação linguística, clíticos.

ABSTRACT: In this study, we discuss the complex social and linguistic experience of Portuguese immigrant, at the end of the 19th and the beginning of the 20th century. The empirical patterns of clitic placement were described and analyzed in texts taken from Portuguese immigrant press. Under this approach, the social conditions of language production and reproduction are taken into account; in other words, we focus on the structure of the subjective and objective relations that underlie the speakers choices.

KEY WORDS: portuguese immigration, immigrant press, linguistic variation, clitics

1 INTRODUÇÃO

A passagem do século XIX ao XX é um momento de profunda transformação na sociedade brasileira. Em um quadro amplo, observa-se o fim da escravidão, a instauração da República, a intensificação dos movimentos migratórios e o consequente adensamento populacional. Nesse ambiente marcado pela diglossia e por múltiplos conflitos sócio-culturais, parte dos intelectuais brasileiros debate-se em torno da constituição da nacionalidade. O corolário desse processo é o fortalecimento das identidades nacionais e a rejeição à herança portuguesa, a qual passa a ser vista por esses sujeitos como entrave à consolidação da independência do país (LOBO, 2001)³.

De outra parte, Portugal, imerso em profunda crise social e econômica, arroga os direitos da velha metrópole, visando

³ Entre outros estudos.

novamente consagrar-se como nação forte (cf. NIZZA DA SILVA, 1992; SERPA, 2000; MULLER, 2007, 2011; OLIVEIRA, 2007). No plano prático, alguns intelectuais portugueses, amparados no conceito de nação “extraterritorial” (NIZZA DA SILVA, 1992; OLIVEIRA, 2007), se encarregam da tarefa de difundir, especialmente nas terras do Brasil, sua ideologia nacionalista, manifesta na dignificação da imagem do português, na valorização de seus feitos passados, no louvor à “pátria-mãe” (cf. SERPA, 2000; MULLER, 2011). Enquanto o Brasil (ou parte dos brasileiros), avesso a essa forma de dominação estrangeira, busca suas próprias mitologias culturais (cf. LOURENÇO, 2001), o que coopera para o acirramento das lutas sociais e políticas, travadas nos mais diversos campos, entre esses dois povos “irmãos”.

Ficam em destaque, no quadro delineado, questões a propósito da relação língua-nação um dos pontos chave nas discussões sobre identidade. Trata-se de um momento em que o debate acerca da língua nacional ou língua brasileira, efetivamente diferenciada do português europeu (PE), já ganhara notoriedade, apesar do evidente apelo, não somente por parte dos portugueses, mas também dos nacionais conservadores à manutenção da uniformidade linguística entre os dois países (cf. PINTO, 1978; SERPA, 2000).

A imprensa imigrantista, nesse espaço de disputa, cumpre o importante papel sócio-político de propagar, perpetuar e/ou reafirmar os valores e as memórias lusitanas. Sua existência coopera para socialização e preservação da identidade social e cultural desse grupo específico (cf. SILVA, 1991; SERPA, 2000; OLIVEIRA, 2008)⁴, à medida que facilita sua inclusão como *imigrante* e minimiza sua inscrição enquanto elemento *estrangeiro*⁵.

⁴ Embora Serpa (2000) não trate da imprensa imigrantista, seu estudo apresenta uma análise bastante importante sobre o modo como, no início do século XX, os intelectuais portugueses produziram representações do Brasil e de Portugal em revistas, jornais, etc.

⁵ Observe-se que os limites entre esses conceitos são, essencialmente, sociais e políticos. Voltaremos a esse ponto na próxima seção.

É com base nessa construção social que nos propomos a analisar a variedade linguística usada pelos redatores da imprensa imigrante lusitana, atentando, mais particularmente, aos padrões de colocação dos clíticos pronominais em um contexto sintático específico: as orações infinitivas preposicionadas. Considerando as diferenças entre o português brasileiro (PB) e o europeu, questionamos em que medida a língua usada nesses periódicos é apresentada e/ou recebida como parte da herança portuguesa.

Quanto aos encaminhamentos teóricos e metodológicos, privilegiamos o trabalho interdisciplinar, relacionando a Sociolinguística Variacionista às considerações teóricas formuladas nos campos da História e da Sociologia da linguagem, conforme concebida por Pierre Bourdieu (1996, 2000, 2008, 2009). Não pretendemos apresentar, aqui, todos os pressupostos da análise. Referimos somente a noção essencial de que a variação linguística não é aleatória, mas condicionada por fatores diversos intra e extralinguísticos (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 2006; LABOV, 2008 [1972]). Ademais, admitimos a proposição de que as escolhas dos falantes são produtos das condições sociais de produção e reprodução linguísticas (BOURDIEU, 1996, 2008). Dito de outro modo, todo e qualquer discurso está sempre ajustado às situações comunicativas, isto é, ao mercado linguístico no qual é gerado. Esse mercado funciona como um sistema de sanções e avaliações positivas ou negativas, assim, o sentido do que se diz resulta do valor distintivo atribuído a um dado produto linguístico, entre outros disponíveis (op. cit.). O que circula no mercado linguístico não é a língua propriamente dita, mas discursos estilisticamente caracterizados, que se realizam como mensagens quando os receptores o recebem como produto e lhe atribuem um preço específico, relacionado não somente à mensagem em si, mas ao estatuto das relações de poder entre os interlocutores (BOURDIEU, 2008).

Essas considerações teóricas são de fato importantes para

Sobre a importância das associações de imigrantes no Brasil, ver Silva (1966), Nizza da Silva (1992); Cánovas (2007).

refletirmos sobre os efeitos das lutas pela(s) identidade(s), travadas entre brasileiros e portugueses, no pós-independência. Nossa hipótese é a de que, nas disputas pela formação e controle do mercado linguístico do Brasil, a imprensa imigrantista, apresentada como instrumento de propagação e conservação da herança sócio-cultural lusitana (cf. OLIVEIRA, 2008, SILVA, 1991, SERPA, 2000), contribuiu para reprodução da variedade linguística europeia, instituída como única língua legítima, em detrimento do português brasileiro oral e/ou popular.

2 A IMPRENSA IMIGRANTISTA

Os dados analisados nesse estudo foram coletados dos jornais *A Bandeira Portuguesa* (1908;1910) e *O Lusitano* (1908), essencialmente. Alguns dados extraídos dos periódicos *Echo Portuguez* (1897) e *A Pátria* (1904) são somados à amostra, com o fim garantir uma visão mais geral da escrita do grupo⁶.

Conforme fizemos notar anteriormente, esses periódicos, publicados entre o final do século XIX e o início do XX, têm em comum a intenção de fomentar a socialização e, ao mesmo tempo, preservar a identidade social e cultural do grupo a que se destina. Isto é outro modo de dizer que, a um só tempo, essas publicações reforçam os laços do grupo (os produtores do jornal e seu público leitor) com seu país de origem e facilitam sua inclusão na nova sociedade.

Cánovas (2007, p. 427), ao focalizar os imigrantes espanhóis na cidade de São Paulo, chama a atenção para esse ponto. A autora observa que a participação do imigrante em instituições étnicas, entidades sociais e sindicais, movimentos culturais, entre outros, coopera para inseri-lo na vida política da sociedade acolhedora. As ações sociais e políticas movem o imigrante e, ao estender suas experiências, tiram-no do confinamento. Dessa perspectiva, as publicações das colônias, assim como as demais instituições, têm função sócio-política definida.

⁶ Em Santos Silva (2012) apresentamos uma descrição completa do *corpus*.

É certo que esses conceitos são perpassados por questões muito mais densas do que nos propomos a debater aqui. Na verdade, ficam sempre pendentes de discussão as relações entre imigração e poder em suas diversas formas, relações que passam por questões de classes sociais, de etnicidade etc.

No caso específico da imprensa destinada à colônia portuguesa, em que as experiências do grupo imigrado se estendem de forma singular entre Brasil e Portugal, estão em causa questões ainda mais complexas. A conservação e difusão das memórias (reais ou reinventadas) nas quais constroem suas identidades individuais e coletivas desencadeiam uma luta política e social, travada com o fim de fazer valer no plano real o que se esboça como representação do real (nos termos de BOURDIEU, 2008, p. 108); nesse sentido, a luta em torno da identidade é sempre orientada para imposição de uma determinada percepção do mundo social (op.cit)⁷.

O semanário "*O Lusitano*", por exemplo, jornal de feição conservadora e cujo dístico é *Órgão dedicado à colônia portuguesa no Brasil*, apresenta em seu primeiro número, publicado em 10/04/1908, o compromisso de tratar exclusivamente de pessoas e coisas de Portugal, mantendo-se dentro de uma esfera de ação livre de dominação política. Nesse concerto, compromete-se a exaltar a pátria mãe portuguesa, caracterizando seus interesses mais elevados de ordem material, intelectual e moral e ocultando "o que nela se fere de desagradável":

[...] o que nella se agita de apaixonado ou violento, o que se passa de tumultuoso ou desordenado pertence à sua vida íntima, interessa à sua existência interna, é da essência da sua administração privada: não é forçoso que estejamos a expor, em terra alheia, posto que amiga, mas onde superabunda o elemento estrangeiro, essa outra feição da nacionalidade a que pertencemos [...]. (*O Lusitano*, 10/04/1908, p.1).

⁷ Sobre essa luta simbólica entre intelectuais brasileiros e portugueses, ver também Serpa (2000).

O jornal “*A Bandeira Portuguesa*”, também apresentado como *Órgão de interesse da colônia portuguesa no Brasil*, volta-se aos problemas políticos de Portugal, posicionando-se em defesa da monarquia e deixando visível, por meio de seu discurso (editorial, artigos, notícias, etc.) algumas questões que vicejam a luta entre Republicanos e Monarquistas⁸. *A Bandeira Portuguesa*, imiscuindo-se nas questões políticas de lá, reforça a ideia de que esses sujeitos desterritorializados (cf. FELDMAN-BIANCO, 1992) mantêm forte relação com sua pátria de origem.

Ambos os periódicos estabelecem o compromisso de manter uma relação cordial com o Brasil, sempre exposto como “*terra outra*”, estrangeira, na qual se deve semear, pela supressão dos conflitos, a memória imaginária, nostálgica e sentimental portuguesa⁹. Ambos se entregam ao trabalho de inventar e/ou construir uma realidade social distante da que se desenha no Brasil. Recuperam, por meio de ideias-imagens, o passado glorioso, a imponência da família real, as benesses da terra, o cotidiano (com seus conflitos políticos), de modo que os imigrantes portugueses possam permanecer vinculados a Portugal.

3 USOS DA LÍNGUA PORTUGUESA

Já observamos que, da perspectiva estritamente linguística, nosso estudo focaliza os padrões de ordenação dos clíticos pronominais. Nesse sentido, convém lembrar que no português brasileiro (oral e/ou popular) contemporâneo a posição proclítica é generalizada na maioria dos contextos sintáticos (cf. PAGOTTO, 1993; CARNEIRO, 2005; MARTINS, 2009)¹⁰. Já no português europeu moderno (PE) a variante mais comum

⁸ Não discutiremos aqui os fundamentos ideológicos desses jornais, nossa intenção é somente evidenciar o vínculo social e/ou político dessa imprensa com sua pátria de origem.

⁹ Sobre a tentativa de mitigar os conflitos nas publicações da colônia portuguesa, ver os estudos de Oliveira (2008) e Muller (2011).

¹⁰ Entre muitos outros estudos sobre os clíticos pronominais.

é a enclítica, sendo que o clítico pré-verbal tende a ser licenciado somente em algumas construções, geralmente em contextos nos quais atuam os chamados operadores de próclise (quantificadores, focalizadores, marcador de negação oracional, alguns advérbios e complementadores, etc.) (LOBO, 2001; GALVES, 1998, 2001; entre outros).

Na imprensa imigrantista, a ordem dos clíticos é preferencialmente enclítica, contudo, não atestamos o perfeito alinhamento desses escritos ao modelo linguístico europeu. Antes, as singularidades da variedade linguística usada nesses periódicos se mostram reveladoras das relações que seus redatores estabelecem com os demais locutores e com a língua portuguesa brasileira e europeia.

Passando aos dados da amostra, analisamos, inicialmente, um total de 337 orações contendo clíticos pronominais¹¹, conforme demonstramos na tabela a seguir:

Tabela 1: Próclise e ênclise em orações com verbos simples (finitos e não-finitos)

Próclise	Ênclise	Total
190	147	337

Dos contextos sintáticos em que, inicialmente, subclassificamos esses dados¹², constatamos variação entre ênclise e próclise somente em orações infinitivas introduzidas por preposição. Nos demais ambientes, observa-se a ocorrência de ênclise categórica em construções contendo um verbo em posição inicial absoluta contexto não variável em PE; e próclise majoritária em orações dependentes (clivadas, relativas, completivas, adjuntas), ambiente em que registramos uma única ocorrência (em 147 dados) de posposição do clítico ao verbo. Afora esses usos, verificamos¹³, ainda, ocorrências de

¹¹ Para a formação do *corpus* excluímos as ocorrências de clítico *se*.

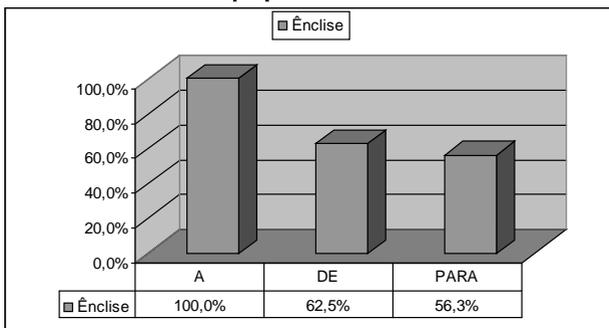
¹² Subclassificamos os dados em: 1) orações com verbo em posição inicial absoluta; 2) orações infinitivas preposicionadas; 3) orações dependentes (relativas, clivadas, adjuntas, completivas). Enfatizamos que, nesse artigo, analisamos somente as orações infinitivas preposicionadas.

¹³ Os casos de mesóclise e de contração de clíticos não são analisados neste estudo. A referência tem a função específica de enfatizar o vínculo linguístico que esses periódicos mantêm com Portugal.

construções mesoclíticas e, com menor frequência, de contração de dois clíticos usos incomuns no português brasileiro culto¹⁴, mas bastante presentes na imprensa portuguesa oitocentista.

Até aqui, o que temos são indícios bastantes de que, nas publicações da colônia, a *palavra escrita* facilita seu vínculo social e/ou político com sua pátria de origem. Todavia, a análise pormenorizada das construções infinitivas preposicionadas deixa visível a singularidade da variedade linguística empregada nesses periódicos e, conseqüentemente, nos obriga a questionar a natureza dessas vinculações.

Gráfico 1: Ênclise/próclise em contexto de orações infinitivas preposicionadas



Conforme podemos observar no gráfico em (1), com exceção das orações introduzidas pela preposição *a*, em que o uso de ênclise é categórico, em ambiente de infinitivas preposicionadas prevalece a alternância entre as ordens verbo-clítico (*Vcl*) e clítico-verbo (*c/V*) com clara preferência por construções enclíticas.

Para análise desses dados, levamos em consideração o fato, já bem observado nos estudos linguísticos, de que na história da língua portuguesa esse sempre foi um ambiente de variação. De fato, segundo Martins (1994), entre o século XIII e o início do XIV, cada preposição *de*, *para* e *a* condiciona

¹⁴ Estudando o português brasileiro paulista do século XIX, não encontramos nenhuma ocorrência de contração de dois clíticos (cf. SANTOS SILVA, 2012).

diferentemente a colocação dos clíticos no português. Nos séculos seguintes passa a predominar a ordenação próclítica, independentemente do tipo de preposição (op. cit., p. 109).

Nos textos escritos no século XVI, de acordo com Godoy (2006), há prevalência de ordenação próclítica em orações infinitivas introduzidas pela preposição *a*. A ênclise se torna categórica¹⁵ nos escritos do século XVII em diante.

Já nas orações introduzidas pelas preposições *de* e *para*, até o século XVI, os falantes preferem próclise. A partir do século XVII, há intensa variação na ordem dos clíticos nesses contextos.

Tabela 2: Ênclise vs. próclise em orações infinitivas introduzidas pelas preposições de e para (adaptado de Godoy, 2006)

	Século XVI		Século XVII		Século XVIII		Século XIX ¹⁴	
	Próclise	Ênclise	Próclise	Ênclise	Próclise	Ênclise	Próclise	Ênclise
DE	98,2%	1,8%	72,7%	27,3%	61,1%	38,6%	73,8%	21,2%
PARA	98,1%	1,9%	79,5%	20,5%	72,6%	27,4%	100%	0%

Da mesma forma, as infinitivas introduzidas pelas preposições *sem*, *em*, *com*, *pore até*¹⁷, que ocorrem com próclise até o século XVI, passam a apresentar variação ênclise/próclise nos séculos seguintes XVII e XVIII, com tendência, exceto pelas infinitivas introduzidas pela preposição *em*, ao uso próclítico.

Para o século XIX, Oliveira (2011), analisando a ordenação pronominal em cartas de escritores brasileiros e portugueses¹⁸, apresenta os seguintes dados:

¹⁵ Note-se que, apesar da predominância da ordem enclítica, a maioria dos escritores nascidos até o século XVII apresenta em seus escritos variação entre próclise e ênclise.

¹⁶ Esses dados são relativos aos escritos de Ramalho Ortigão (1836), único autor, no *corpus* analisado por Godoy, nascido no século XIX.

¹⁷ Infinitivas introduzidas pela preposição *com* são escassas em textos produzidos a partir do século XVII. Apesar disso, Godoy (2006) observa que parte dos autores, nesses contextos, emprega somente próclise, outros somente ênclise e alguns próclise e ênclise.

¹⁸ Escritores portugueses: Almeida Garret (1799-1854); Alexandre Herculano (1810-1877); Camilo Castelo Branco (1825-1890); Eça de Queirós (1845-

Tabela 3: Ênclise em orações infinitivas preposicionadas - escritores portugueses oitocentistas (adaptado de Oliveira, 2011)

Tipo de Preposição	A Garrett	A Herculano	C. Castelo Branco	Fça de Queirós	Fernando Pessoa
A	100%	100%	100%	100%	100%
DE	4%	2,3%	11,6%	0%	4%
PARA	4,7%	0%	0%	0%	0%
OUTRAS	0%	0%	0%	0%	50%

Os estudos de Godoy (2006) e Oliveira (2011) evidenciam que o modelo português se especializa no uso enclítico no ambiente de preposição *a*, e, apesar de alguma variação, no uso proclítico com as demais preposições (OLIVEIRA, op. cit.). Todavia, essa dualidade não se estabelece em textos produzidos por escritores brasileiros:

Tabela 4: Ênclise em orações infinitivas preposicionadas - escritores brasileiros oitocentistas (adaptado de Oliveira, 2011)

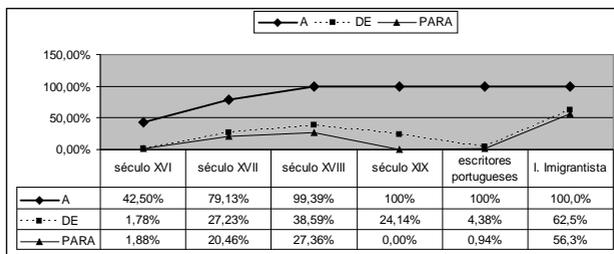
Tipo de Preposição	J Alencar	A Azevedo	M Assis	L. Barreto	M Andrade
A	76%	95,5%	34,5%	39,2%	11,4%
DE	87,5%	87,5%	40%	50%	11,8%
PARA	100%	100%	93,8%	64,7%	12,5%

De fato, o que se observa é a variação entre próclise e ênclise em todos os contextos sintáticos, inclusive em orações introduzidas pela preposição *a*. Ademais, verifica-se a preferência por construções enclíticas em presença de preposições *de* e *para* na produção da maioria dos escritores brasileiros até o final dos oitocentos.

Analisando, no interior desse quadro, os dados da imprensa imigrantista lusitana, fica claro que a variedade linguística usada por seus redatores não se alinha perfeitamente ao português europeu moderno: apesar da preservação da ordem *Vc*/em contexto de preposição *a*, não há prevalência de construções proclíticas nos demais ambientes sintáticos, como é tendência no PE (cf. GODOY, 2006; OLIVEIRA, 2011; entre outros).

1900); Fernando Pessoa (1888-1935); escritores brasileiros: José de Alencar (1829-1877); Álvares de Azevedo (1831-1852); Machado de Assis (1839-1908); Lima Barreto (1881-1922); Mario de Andrade (1893-1945).

Gráfico 2 Ênclise em orações infinitivas preposicionadas - escritores portugueses (Oliveira, 2011)¹⁹; séculos XVI-XIX (Godoy, 2006) e imprensa imigrantista.



Para explicar essas escolhas linguísticas dos redatores da imprensa da colônia lusitana, a primeira hipótese é a de que, em termos de frequência de uso, há variação idioletal quanto à ordenação dos clíticos em infinitivas preposicionadas (cf. MARTINS, *no prelo*; entre outros)²⁰. Nessa leitura, a escrita dos diferentes autores estaria simplesmente refletindo essa idiossincrasia. Todavia, embora a proposição seja plausível, não podemos admiti-la sem levar em conta o fato de que os usos linguísticos registrados nessas publicações não são espontâneos, mas controlados, de tal modo que pouco podemos dizer sobre a língua materna desses falantes. Em outras palavras, não temos elementos suficientes para atestar que a gramática subjacente a esses escritos é a do português europeu moderno, com traços idioletais.

Um outro caminho é admitir, considerando a posição social dos interlocutores e a coerção exercida nos campos em que a língua funciona²¹, que a variação entre próclise e ênclise em contexto de orações infinitivas preposicionadas denuncia,

¹⁹ Oliveira (2011) apresenta somente os valores percentuais, assim, para composição do gráfico, calculamos a média simples de porcentagem.

²⁰ Com base no *Corpus de Referência do Português Contemporâneo*, Martins (no prelo) observa que diferentes autores apresentam comportamentos distintos quanto ao uso dos clíticos nesse contexto: em infinitivas com preposições diferentes de *a* e *com*, alguns empregam ênclise categórica, enquanto outros preferem próclise.

²¹ Nos termos de Bourdieu (2008).

nos textos produzidos por esses imigrantes, alguma assimilação da gramática do português culto do Brasil, que, conforme observamos anteriormente, se caracteriza pela alternância entre *Vc/e cV* com prevalência de ênclise, em todos os contextos sintáticos (cf. OLIVEIRA, 2011; SANTOS SILVA, 2012)²².

Nessa direção, a ênclise categórica em contexto de preposição *a* poderia ser interpretada ou como resultado da aplicação de uma regra (fonológica?) que levaria o clítico para posição pós-verbal nesses contextos específicos²³, ou da aplicação de uma regra estilística, que marcaria a vinculação dessa escrita com a gramática do português europeu moderno. Para os demais contextos, o uso preferencialmente proclítico do PE dividiria espaço com a ênclise, frequentemente empregada em textos de brasileiros cultos. Nesse caso, resta-nos indagar sobre relações subjetivas e objetivas que subjazem as escolhas linguísticas desses falantes.

4. AS CONDIÇÕES SOCIAIS DE PRODUÇÃO E REPRODUÇÃO LINGUÍSTICAS: OBSERVAÇÕES FINAIS

De início, sublinhamos que o vínculo social e/ou político da imprensa imigrante com sua pátria de origem está atestado em suas páginas que, de modo geral, concretizam discurso(s) ideológico(s) sobre Portugal e sobre o sujeito português (cf. SILVA, 1991; OLIVEIRA, 2008; MULLER, 2011). A variedade linguística empregada nesses jornais, levando em conta o valor simbólico que recebe no mercado em que está assentada²⁴, facilita a preservação desse vínculo, porque evoca a imagem de um país, uma cultura, um povo *com seu modo próprio de dizer*.

²² Oliveira (2011) observa a preferência pela ênclise em contextos de infinitivas preposicionadas entre escritores românticos brasileiros. Da mesma forma, em Santos Silva (2012), evidenciamos a prevalência de construções ênclíticas, nesse contexto sintático, na variedade culta do português paulista oitocentista.

²³ Nesse caso, valeria a hipótese de que língua manifestada nesses escritos, semelhante ao PE, constitui a gramática materna desses falantes.

²⁴ Nos termos de Bourdieu (2008).

O padrão de ordenação dos clíticos em contexto de infinitivas preposicionadas parece nos oferecer um contraexemplo dessa relação simbólica entre a imprensa imigrante e a nação portuguesa, porque se manifesta como um movimento sutil de aproximação em relação à variedade culta do PB. Todavia, levando em conta a estrutura das relações sociais subjacentes a esses usos linguísticos, notadamente o contexto de disputa linguística e de luta pelas identidades, podemos interpretar esse movimento como uma simples abertura, pelo diálogo, à nação brasileira. Isto é, sem fragilizar o vínculo com Portugal e sem perder de vista os padrões linguísticos impostos *aqui* e *lá*, as orações infinitivas preposicionadas funcionariam como uma marca de identidade linguística entre os dois povos²⁵.

Note-se que a própria imprensa imigrante tende a encaminhar essa hipótese, na medida em que firma o compromisso de manter a relação cordial com o Brasil, sustentando em paz “*os doces e fortes laços*” com esse “*povo irmão*” e hospedador (cf. jornal *O Lusitano*, 1908). Além disso, sabemos que não são poucas as publicações criadas pelos intelectuais portugueses, no período sob análise, com o fim de promover o diálogo entre as duas nações (cf. SERPA, 2000; MULLER, 2011). Vale citar, a título de exemplo, a Revista *Brasil-Portugal* que, em seu primeiro número (01/02/1899), dispõe, em sequência, as biografias e imagens de D. Carlos, rei português e Campos Sales, presidente do Brasil, como subterfúgio para manter e/ou potencializar a relação com os brasileiros, criando, desse modo, condições para difusão do discurso do ideal de comunidade luso-brasileira, especialmente voltado ao “re-estabelecimento da economia e da moral lusitanas” (MULLER, 2011, p. 167)²⁶.

Não devemos nos esquecer de que estão em jogo, nessas publicações, a força simbólica do discurso performativo²⁷ dos

²⁵ Pesquisas sobre outras variáveis linguísticas podem contribuir para testar essa hipótese.

²⁶ Muller (2011) apresenta uma discussão bastante ampla sobre os objetivos, ideologias e valores presentes em periódicos voltados ao estreitamento das relações entre Brasil e Portugal.

²⁷ Nos termos de Bourdieu (2000; 2008).

portugueses, o qual está voltado, conforme fizemos notar anteriormente, à determinação da representação mental que os outros (brasileiros e imigrantes lusitanos) podem e devem construir a respeito do sujeito português e de Portugal²⁸. Daí concluímos que o movimento sutil de aproximação das duas variedades cultas da língua portuguesa não é ação espontânea ou irrefletida, mas parte dessa construção, voltada à manutenção dos laços entre os dois grupos letrados. Nesse caso, a aparente diluição das diferenças não implica a efetiva significação da prática linguística de brasileiros, mas o fortalecimento do discurso em defesa da *língua-comum*, a ser aceita no Brasil como parte da herança portuguesa²⁹.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. *Razões Práticas*: sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 1996.

_____. *A economia das trocas linguísticas*. São Paulo: Edusp, 2008.

_____. *O poder simbólico*. 12ª. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

_____. *Meditações Pascalinas*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2000.

CANOVAS, M. D. K. *Imigrantes Espanhóis na Paulicéia*: Trabalho e Sociabilidade Urbana 1890/1922. 2007. Tese (Doutorado em História), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

CARNEIRO, Z. O. N. *Cartas brasileiras (1809-1904)*: um estudo linguístico-filológico. 2005. Tese (Doutorado em linguística), Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade de Campinas, Campinas.

FELDMAN-BIANCO, B. Saudade, imigração e a construção de uma nação portuguesa desterritorializada. *Revista Brasileira de Estudos de População*,

²⁸ cf. Silva (1991); Serpa (2000); Muller (2011).

²⁹ cf. Serpa (2000).

v. 9, n. 1, , jan./jul. 1992, p. 35-49.

GALVES, C. A gramática do português brasileiro. *Línguas e Instrumentos Linguísticos*, 1998, p. 79-98.

_____. *Ensaio sobre gramáticas do português*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2001.

GODOY, M. *A colocação dos clíticos em ambiente das orações infinitivas introduzidas por preposição no português clássico*. Disponível em www.gel.org.br/estudoslinguisticos/vol32/. Acesso em 10/12/2009.

LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LOBO, E. *Imigração portuguesa no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 2001.

LOBO, T. *A colocação dos clíticos em Português*. Duas sincronias em Confronto. Dissertação (Mestrado em Letras). 1992. Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa..

_____. *Para uma sociolinguística histórica do português do Brasil: edição filológica e análise linguística de cartas particulares do recôncavo da Bahia, século XIX*. 2001. Tese (Doutorado em Letras), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo.

LOURENÇO, E. *A nau de Ícaro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MARTINS, A. M. *Clíticos na história do português*. 1994. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de Lisboa, Lisboa.

_____. A ordem dos Constituintes na Frase. In: Nascimento, B. et al. (orgs.), *Gramática do Português*. Fundação Calouste Gulbenkian, no prelo.

MARTINS, M. A. *Competição de Gramáticas do português na escrita catarinense dos séculos 19 e 20*. 2009. Tese (Doutorado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina.

MENDES, J. A. S. R. *Laços de Sangue - privilégios e intolerância à imigração Portuguesa no Brasil (1822/1945)*. 2008. Tese (Doutorado em História),

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo.

MULLER, F. S. *Ruptura ou tradição?* A crítica e a literatura portuguesa no jornal O Estado de São Paulo no pré-modernismo brasileiro: 1900-1911. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo.

_____. *(Re)viendo as páginas, (re)visando os laços e (des)atando nós: as relações literárias luso-brasileiras através dos periódicos portugueses (1899-1922)*. 2011. Tese (Doutorado em Letras), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo.

NIZZA DA SILVA, M. B. *Documentos para a História da Imigração Portuguesa no Brasil (1850-1938)*. Rio de Janeiro: Editorial Nórdica, 1992.

OLIVEIRA, C. M. S. *A (re)construção da identidade portuguesa na imprensa imigrantista do Rio de Janeiro: a História de Portugal na revista Lusitania*, 2008. Mimeografado.

OLIVEIRA, L. L. *Nós e eles, relações culturais entre brasileiros e imigrantes*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

OLIVEIRA, M. *Formação do Português Paulista: imigração*, 2007. Mimeografado.

_____. Pluricentrismo na Arena Linguística. In: SILVA, A. S. et al. (Org.). *Pluricentric Languages: Linguistic Variation and Sociocognitive Dimensions*. Pluricentric Languages: Linguistic Variation and Sociocognitive Dimensions. Braga: Universidade Católica Portuguesa, 2011, p. 681-694.

ORTIZ, R. A Procura de uma Sociologia da Prática. In: ORTIZ, R. (Org.) *Pierre Bourdieu: Sociologia*. São Paulo: Ática, 1994.

PAGOTTO, E. G. Clíticos, Mudança e Seleção Natural. In: Roberts, I. et al. (orgs.). *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica: homenagem a Fernando Tarallo*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993, p. 185-206.

PINTO, E. P. *Português do Brasil: textos críticos e teóricos: 1820/1920*.

Fontes para a teoria e a história XV-LVIII. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Edusp, 1978.

RIBEIRO, G. S. “Cabras” e “Pés-de-Chumbo”: os rolos do tempo, o antilusitanismo na cidade do Rio de Janeiro (1890-1930). 1987. Dissertação (Mestrado em História), Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro.

_____. Por que você veio encher o pandulho aqui? Os portugueses, o antilusitanismo e a exploração das moradias populares no Rio de Janeiro da República Velha. *Análise Social*, vol. XXIX (127), 1994, p. 631-654.

SANTOS SILVA, H. *O lugar da língua na São Paulo transformada: os usos linguísticos dos intelectuais republicanos paulistas*. 2012. Tese (Doutorado em Letras), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

SERPA, E. Portugal no Brasil: a escrita dos irmãos desavindos. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 20, nº 39, 2000, p.81-114.

SILVA, M. M. R. S. *Ambição e horror à farda ou a saga dos imigrantes portugueses no Brasil segundo a Gazeta Lusitana 1883/1889*. 1991. Tese (Doutorado em História), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

SILVA, P. F. da. *Assistência social dos portugueses no Brasil*. São Paulo: Arquimedes Edições, 1966.

WEINREICH, U et. al. *Fundamentos Empíricos para uma Teoria da Mudança Linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.